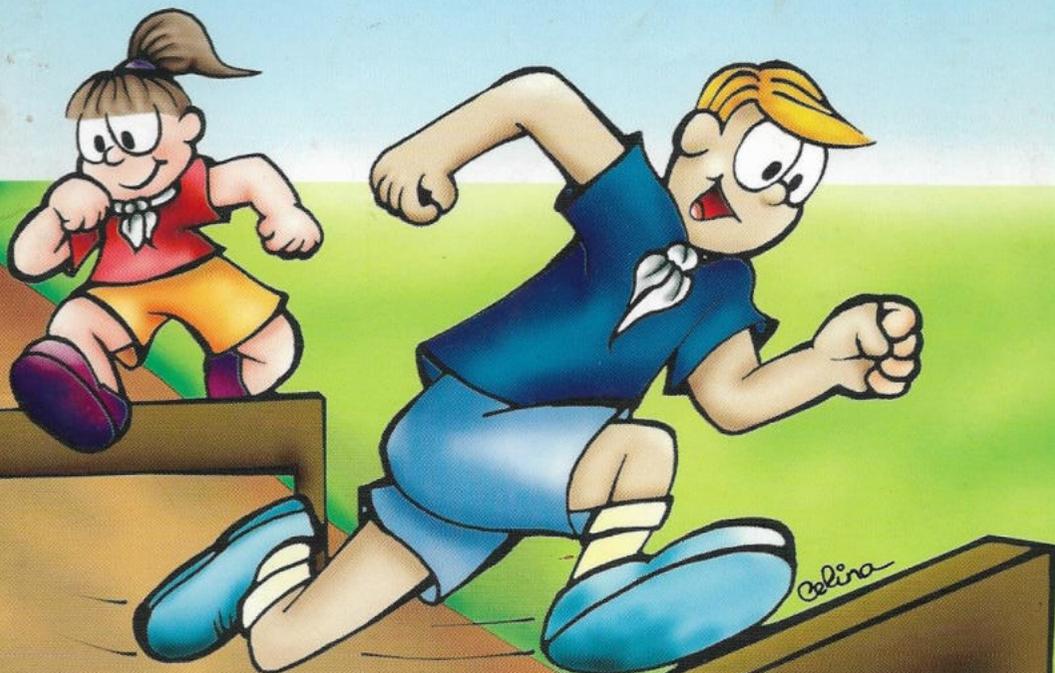




**Programa
de Jovens**

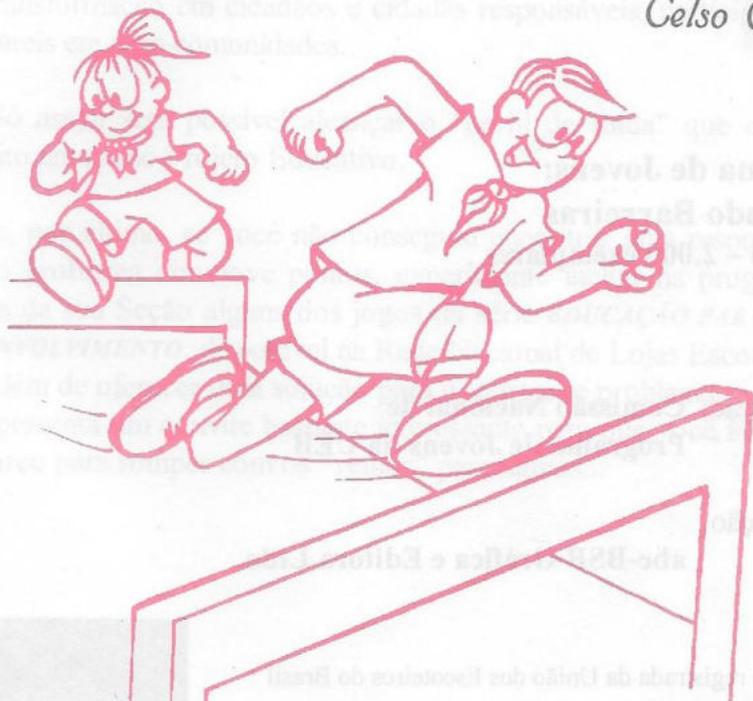


**SUPERANDO
BARREIRAS**



**PROGRAMA
DE
JOVENS**

ACERVO
Celso C. Neves



**SUPERANDO
BARREIRAS**



OBRA EDITADA EM CONFORMIDADE
COM OS PROPÓSITOS EDUCACIONAIS DO
MOVIMENTO ESCOTEIRO NO BRASIL



**Programa de Jovens:
Superando Barreiras**
1ª Edição – 2.000 exemplares

Coordenação: **Comissão Nacional de
Programa de Jovens da UEB**

Diagramação
e Edição: **abc-BSB Gráfica e Editora Ltda.**

® É marca registrada da União dos Escoteiros do Brasil

Direitos Reservados

Curitiba, junho de 2000.



ÍNDICE

	Página
Apresentação	5
O desconforto de fazer diferente	7
- O lenhador e a motosserra	9
- A recém-casada e o almoço de domingo	11
Do Programa Escoteiro ao Programa de Jovens	14
As Áreas de Desenvolvimento	17
A progressão dos jovens	20
A conquista das etapas de progressão	23
Articulação, harmonia e integração	26
A participação dos jovens (I)	29
A participação dos jovens (II)	32
Rumo à cidadania	35
As insígnias de progressão	38
O ingresso no Movimento e o início da progressão	41

	Página
As atividades escoteiras	44
Os jovens e a programação de atividades	47
As Especialidades	50
A Promessa (I)	53
A Promessa (II)	56
O uso do cachimbo é que faz a boca torta...	59
Conclusão	62

APRESENTAÇÃO

Quando a Diretoria Nacional da União dos Escoteiros do Brasil decidiu, em 1994, aderir à Política de Programa de Jovens proposta pela *Oficina Scout Interamericana – OSI* em seu Plano Estratégico 1993/1996, adotando o Método para Atualização e Criação Permanente do Programa de Jovens – MACPRO como “modelo de desenvolvimento” para essa área estratégica, sabia que a reformulação do Programa de Jovens enfrentaria os obstáculos que naturalmente se apresentam diante de todo e qualquer processo de mudança.

Agora, quando se tornam disponíveis os primeiros instrumentos que possibilitarão dar vida ao novo Programa de Jovens – a partir do Ramo Lobinho e se propagando, logo adiante, pelos demais Ramos – parece oportuno oferecer a todos os adultos que, como Escotistas ou Dirigentes, têm responsabilidade diante da implantação do novo Programa, informações que lhes permitam vencer o mais sério dos obstáculos a que nos referimos: a tendência natural a lutar pela preservação de velhos paradigmas, resistindo à implantação de novos paradigmas que, sem uma análise mais acurada, podem parecer verdadeiras heresias capazes, entre outros males, de descaracterizar e desvirtuar a essência do Escotismo, chegando a ameaçar a existência da organização e do Movimento.

Em recente seminário em que se fez a apresentação dos instrumentos de apoio à aplicação do novo Programa de Jovens destinado ao Ramo Lobinho, realizado em Porto Alegre e do qual participaram cerca de 80 Dirigentes e Escotistas de Goiás, Mato Gros-

so do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, a equipe da OSI apresentou uma sessão muito interessante em que analisou os novos e os velhos paradigmas à luz de ensinamentos recolhidos nas obras de Baden-Powell, tornando evidente que os novos paradigmas, antes de constituírem qualquer ameaça ao Escotismo, traduzem, isso sim, um verdadeiro retorno às origens, modificando normas e procedimentos que, ao longo dos anos, a ele se foram incorporando.

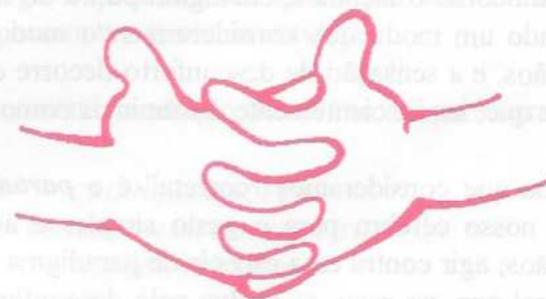
Foi aquela sessão que deu origem à presente publicação, que tem por propósito colocar a mesma análise ao alcance de todos, a todos permitindo uma reflexão que nos auxilie a somar nossos esforços aos daqueles que lutam para oferecer aos sócios beneficiários da UEB um Programa de Jovens coerente com o nosso Projeto Educativo.

Aos que nos auxiliaram nessa obra, preparando ou ministrando a sessão que lhe deu origem, a ela incorporando seus judiciosos comentários, emprestando-lhe uma redação leve e agradável, ilustrando-a e, finalmente, convertendo todo o material em uma publicação de fácil leitura e enorme utilidade, os nossos agradecimentos.

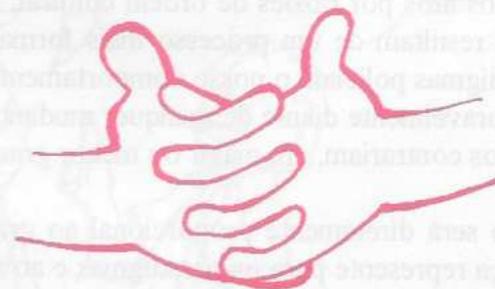
A COMISSÃO NACIONAL DE PROGRAMA DE JOVENS

O DESCONFORTO DE FAZER DIFERENTE

Como regra quase que geral, as pessoas cruzam as mãos sempre de uma mesma maneira. O mais comum é que o façam de modo que o dedo mínimo da mão direita se encaixe entre o mínimo e o anelar da mão esquerda, alternando-se os demais a partir desse ponto inicial, tal como aparece na figura:



Se você se inclui entre os que respeitam esse “padrão”, experimentalmente, agora, modificá-lo. Cruze suas mãos de modo que o dedo mínimo da mão esquerda se encaixe entre o mínimo e o anelar da mão direita, assim:



Você se deu conta de como essa mudança tão simples provocou uma certa sensação de desconforto?

A mesma sensação desconfortável sentirão aqueles que usualmente cruzam suas mãos da segunda forma, se o fizerem segundo o “padrão” descrito inicialmente.

Por que será que o gesto simples e inconsciente de cruzar as mãos é praticado sempre de um mesmo modo, gerando desconforto quando o praticamos de modo ligeiramente diferente?

Embora o efeito final seja praticamente o mesmo, qualquer que seja a maneira como o fazemos, em algum ponto do nosso cérebro está registrado um modo que consideramos “o modo correto” de cruzar as mãos, e a sensação de desconforto decorre da “violação” dessa norma que, inconscientemente, assumimos como “correta”.

A norma que consideramos “correta” é o *paradigma* que se formou em nosso cérebro para o gesto simples e automático de cruzar as mãos; agir contra essa espécie de paradigma provoca uma reação natural que, no caso, se traduz pelo desconforto que sentimos ao fazê-lo.

Sejam inconscientes, como aqueles que regem nossos gestos ou atitudes mais simples, semiconscientes, como os que passam a reger os nossos atos por razões de ordem cultural, ou conscientes, como os que resultam de um processo mais formal de aprendizagem, os paradigmas policiam o nosso comportamento e nos levam a reagir desfavoravelmente diante de qualquer mudança que, segundo entendemos, os contrariam, em maior ou menor grau.

A reação será diretamente proporcional ao grau de “ameaça” que a mudança represente para os paradigmas e ao valor que a eles atribuímos, sempre segundo nossa própria avaliação.

A reação do ser humano diante das propostas de alteração de paradigmas tem dado origem, inclusive, a algumas histórias interessantes.

O lenhador e a motosserra

Entre algumas anedotas recolhidas na Internet, tomamos conhecimento da história de um lenhador que, depois de anos e anos mergulhado no interior de uma floresta, usando seu machado para abater um sem número de árvores, precisou ir a um dentista na cidadezinha mais próxima e, na vitrine de uma casa de ferramentas, avistou

uma reluzente motosserra, que a propaganda anunciava como sendo capaz de multiplicar por dez o rendimento de sua produção diária. Seduzido pela perspectiva de abater um maior número de árvores e, assim, aumentar seus ganhos, o lenhador entrou na loja e comprou a máquina que lhe pareceu tão fabulosa.



Depois de um par de meses, retorna o lenhador à mesma loja, levando numa bolsa a motosserra recém adquirida, e se queixa ao vendedor:

– Essa máquina não presta! Enquanto usava meu velho machado, eu conseguia derrubar mais de dez árvores por dia. Hoje, não chego a derrubar mais do que três ou quatro!

Certo de que vendera ao lenhador uma motosserra com alguma espécie de defeito, o comerciante apanhou a bolsa, dela retirou a máquina supostamente avariada e deu partida ao motor, que prontamente se pôs a trabalhar.

Assustado, o velho lenhador deu um salto para trás e perguntou ao vendedor:

– Uai, moço! Que barulhão é esse?

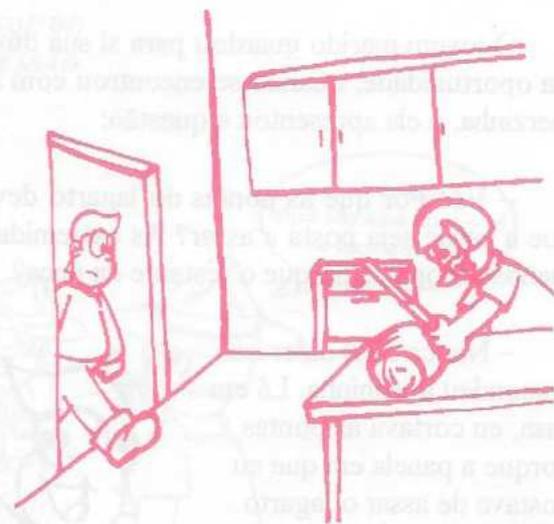


A recém casada e o almoço de domingo

Essa outra história, que também se relaciona com os velhos paradigmas, foi contada por um amigo com quem conversávamos sobre **paradigmas**. Segundo ele, é absolutamente verdadeira, e lhe foi contada pelo marido daquela moça que, logo depois da lua-de-mel, resolveu oferecer aos pais e aos sogros um típico almoço dominical, ao qual não faltava a clássica macarronada acompanhando um belo pedaço de lagarto redondo assado (o “lagarto” é aquela peça da carne de boi a que os gaúchos denominam “tatu”).

Os preparativos para o ágape se iniciaram ainda no sábado, com a anfitriã estreante limpando, temperando e pondo para assar o tal lagarto.

No momento em que a jovem senhora se preparava para colocar a peça de carne na panela onde pretendia assá-la, o marido entra na cozinha e se surpreende ao ver sua mulher cortar as duas extremidades do lagarto, deixando de lado as duas pontas de carne.



– Ué – perguntou o marido – por que você cortou as duas pontas do lagarto?

– Sei lá – respondeu a jovem senhora – mas sempre vi minha mãe fazer assim. Acho que é porque as pontas são muito duras ou menos saborosas do que o resto...

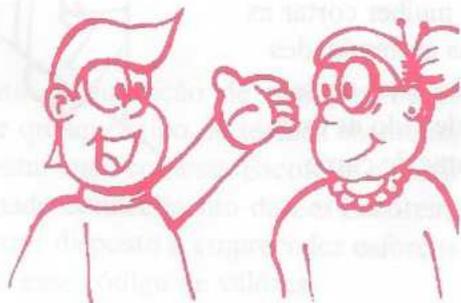
O jovem marido, talvez porque sua mãe não costumasse cortar as extremidades do lagarto antes de pô-lo a assar, não se convenceu com a explicação da esposa e, no domingo, decidiu esclarecer o assunto com a sogra, a ela perguntando qual era a razão real do procedimento.

– Eu não tenho a menor idéia – respondeu a sogra. Só sei que aprendi a cozinhar com minha mãe e sempre a vi cortar as pontas do lagarto, antes de começar a assá-lo.

O jovem marido guardou para si sua dúvida até que, numa outra oportunidade, quando se encontrou com a avó da sua doce mulherzinha, a ela apresentou a questão:

– Vó! Por que as pontas do lagarto devem ser cortadas antes que a carne seja posta a assar? As extremidades são mais duras ou menos saborosas do que o restante da peça?

– Nunca ouvi dizer isso, respondeu a velhinha. Lá em casa, eu cortava as pontas porque a panela em que eu gostava de assar o lagarto era muito pequena, não comportando uma peça inteira...



Cruzar as mãos sempre segundo um “padrão” que passamos a considerar “correto”, tentar derrubar uma árvore batendo contra ela com uma motosserra ou cortar as extremidades do lagarto antes de levá-lo ao fogo para assar são exemplos de paradigmas que se formaram, de maneira mais ou menos consciente, por razões que dificilmente poderiam ser explicadas, pela força do hábito ou em virtude de uma aprendizagem defeituosa.

Qualquer que seja a sua origem, a relutância em romper com os velhos paradigmas ou, pelo menos, em revê-los à luz de um novo enfoque, se encontra na raiz das nossas reações contra as mudanças por melhores que elas sejam, dificultando a implantação de reformas que por vezes são imprescindíveis e retardando o progresso das instituições.

Todos nós, inclusive você, somos vítimas da armadilha dos velhos paradigmas. Se você não acredita nessa afirmação, movido pela crença em sua “mente aberta”, sempre disposta a aceitar novidades e a romper com os velhos paradigmas, experimente unir com um traço contínuo, formado por quatro retas que se cruzam em alguns pontos mas que não têm segmentos sobrepostos, os nove pontos da figura:



DO PROGRAMA ESCOTEIRO AO PROGRAMA DE JOVENS

Quando foram estabelecidos os Fundamentos do Escotismo Brasileiro, assumimos como **propósito**:

**CONTRIBUIR PARA QUE OS JOVENS ASSUMAM SEU PRÓPRIO
DESENVOLVIMENTO, ESPECIALMENTE DO CARÁTER,
AJUDANDO-OS A REALIZAR SUAS PLENAS
POTENCIALIDADES FÍSICAS, INTELECTUAIS, SOCIAIS,
AFETIVAS E ESPIRITUAIS, COMO CIDADÃOS
RESPONSÁVEIS, PARTICIPANTES E ÚTEIS EM SUAS
COMUNIDADES, CONFORME DEFINIDO NO PROJETO
EDUCATIVO DA UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL.**

O Programa Escoteiro, aplicado de acordo com o **método** concebido por Baden-Powell e orientado pelos **princípios** estabelecidos pelo Fundador, é o principal instrumento para a consecução desse propósito.

Entretanto, tal programa está centrado em atividades orientadas por uma temática tipicamente escoteira, e mal se percebe, no esforço educativo desenvolvido pela UEB, a intenção de oferecer à criança e ao jovem oportunidades para que se desenvolvam no rumo da plena cidadania.

Embora concebido com os olhos postos no nosso propósito, o Programa Escoteiro parece mais preocupado com a formação de escoteiros do que com a formação de futuros cidadãos.

Como parte da estratégia formulada para adequar o Escotismo às exigências de uma sociedade em permanente evolução e que se prepara para o início de um novo milênio, a UEB decidiu ajustar os seus rumos na direção preconizada pelo planejamento estratégico elaborado pela OSI, o que significa atuar simultaneamente nas cinco áreas estratégicas – Programa, Recursos Adultos, Gestão Institucional, Recursos Financeiros e Crescimento – adotando, onde couber, o “modelo de desenvolvimento” preconizado pela OSI.

No que se refere ao Programa, a UEB, ciente da necessidade de transformar o Programa Escoteiro em um Programa de Jovens, decidiu adotar o Método para Atualização e Criação Permanente do Programa de Jovens – MACPRO, aderindo aos diversos organismos ativados no âmbito da Região Escoteira Interamericana para a elaboração dos instrumentos de apoio necessários à transformação.

A transformação do Programa Escoteiro em um Programa de Jovens implica mudança de **paradigmas**, já definidos como

**CRENÇAS, CONVICÇÕES OU POSTULADOS NÃO
NECESSARIAMENTE CONSCIENTES QUE SUSTENTAM OU
EXPLICAM UMA DETERMINADA CONDUTA, MODELO OU
MANEIRA DE PENSAR.**

Visando reduzir as tensões resultantes na mudança dos paradigmas envolvidos na transformação do Programa Escoteiro em um Programa de Jovens, analisaremos, nas páginas que seguem, alguns desses paradigmas; em cada caso, serão apresentados comentários que confrontam os “novos” paradigmas com manifestações e citações extraídas da mais valiosa orientação que Baden-Powell legou aos seus futuros seguidores, o **GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO**.

Se o leitor se dispuser a acompanhar a análise com o espírito suficientemente desarmado, acabará por se surpreender ao constatar que os “novos” paradigmas estão perfeitamente ajustados – em alguns casos mais do que os “velhos” paradigmas – ao pensamento original de Baden-Powell.

Só assim será possível perceber que a transformação do Programa Escoteiro em um Programa de Jovens não representa – assim como o MACPRO, que foi o instrumento escolhido para tal transformação – qualquer espécie de “ameaça” ao Escotismo, tal como o oferecemos hoje às crianças e aos jovens que freqüentam nossos Grupo Escoteiros.

Ao contrário, o resultado esperado para a transformação é o crescimento do nosso efetivo, ampliando nossa capacidade de atrair crianças e jovens e, principalmente, reduzindo nossa estratosférica taxa de evasão.

Além de constituir um imperativo de consciência para todos aqueles que prometeram “*servir à União dos Escoteiros do Brasil*”, o empenho com que o leitor se atirar à tarefa de converter o Programa Escoteiro em um Programa de Jovens, na sua esfera de atuação, será, por certo, sua mais valiosa contribuição para que possamos cumprir a missão de

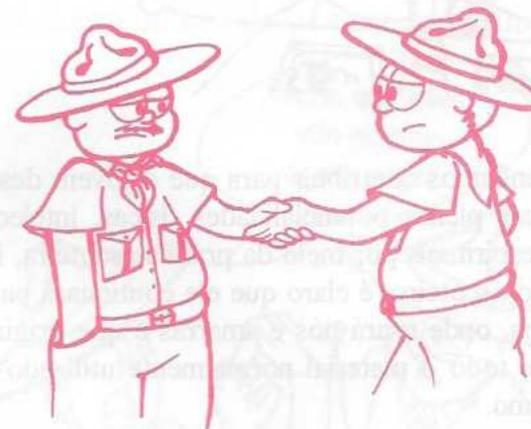
**PROPORCIONAR A PRÁTICA DO ESCOTISMO
A UM NÚMERO MAIOR DE JOVENS
BRASILEIROS**

tal como foi aprovada pela Assembléia Nacional, em sua segunda reunião ordinária, realizada em Joinville, Santa Catarina, durante o 1º Congresso Escoteiro Nacional.

AS ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO

Apesar de reconhecer o caráter, o vigor físico, a criatividade, a sociabilidade, a afetividade e a espiritualidade como sendo os seis componentes da personalidade sobre os quais o Escotismo pode e deve atuar, o “velho” paradigma define que

**AS ÁREAS DE PROGRESSÃO SE ESTABELECEM COM BASE
EM ÁREAS DE CONHECIMENTO DO MOVIMENTO
ESCOTEIRO**



É em razão deste paradigma que o Programa Escoteiro inclui, entre as chamadas “Etapas de Classe”, a necessidade de a criança ou o jovem desincumbir-se satisfatoriamente, para que possa progredir, em atividades tais como acampar um determinado número de vezes, saber fazer determinados nós e amarras, conhecer e saber utilizar material destinado ao campismo e outras.

Este “velho” paradigma deve ceder o passo a um “novo” paradigma segundo o qual

AS ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO SÃO ESTABELECIDAS COM BASE NA ESTRUTURA DA PERSONALIDADE DOS JOVENS



Como pretendemos contribuir para que o jovem desenvolva o seu caráter e suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais por meio da prática escoteira, isto é, utilizando o método escoteiro, é claro que ele continuará participando de acampamentos, onde usará nós e amarras e que exigirão dele o conhecimento de todo o material normalmente utilizado nas atividades de campismo.

A grande diferença entre os dois paradigmas reside no fato de que ele não o fará em resposta a ensinamentos que lhe foram transmitidos no contexto do Programa Escoteiro, mas porque essas atividades lhe proporcionam, como pretende o Programa de Jovens, oportunidades para o desenvolvimento integral de sua personalidade.

É fácil constatar que não existe qualquer conflito entre o “novo” paradigma e as idéias originais do Fundador. No *GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO*, Baden-Powell resumiu dessa maneira sua concepção do nosso método de educação:

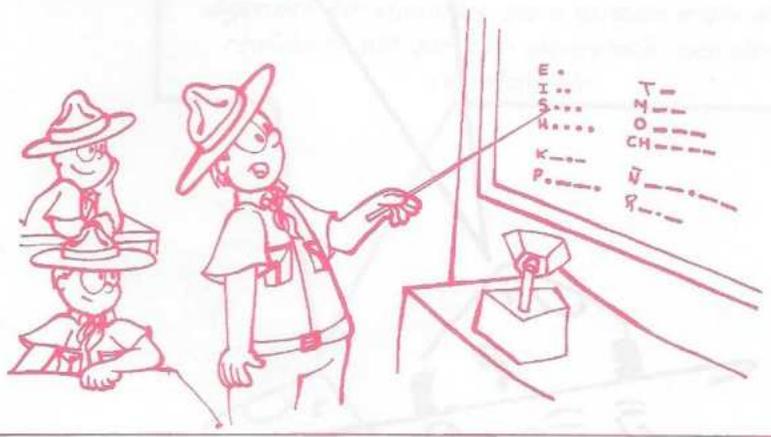
Para exercitar a cidadania ativa e realizar seu objetivo, nosso esquema abrange quatro partes [caráter, saúde e vigor, habilidade manual e destreza], as quais são essenciais na formação de bons cidadãos.



A PROGRESSÃO DOS JOVENS

Segundo o “velho” paradigma, a progressão dos jovens se faz pelo cumprimento de uma série de etapas que dependem da obtenção de proficiência em determinados assuntos, isto é,

O PLANO DE PROGRESSÃO TEM CONTEÚDOS FIXOS



O Programa Escoteiro define um repertório de conhecimentos e procedimentos que são apresentados ao jovem, no início de sua trajetória pela Seção e, na medida em que se mostra capaz de um desempenho considerado aceitável em cada um dos aspectos contidos no “cardápio”, o jovem completa passos em sua progressão rumo à etapa de classe subsequente.

Na realidade, tudo se passa como se o jovem, dentro do esquema de educação não-formal proposto pelo Escotismo, “apren-

da” os conteúdos fixos e formais de um currículo escolar, sendo essa a contrapartida esperada para a conquista das etapas que assinalam a progressão.

Como conseqüência da necessidade de ajustar o Programa de Jovens à efetiva realidade de cada um dos seus beneficiários, a progressão pessoal passa a ser regida por um “novo” paradigma:

NÃO HÁ PLANO DE PROGRESSÃO E OS CONTEÚDOS SÃO VARIÁVEIS



Assim, em lugar de oferecer os mesmos conteúdos a todos os jovens que se encontram em uma mesma etapa de progressão, dando cumprimento a um Plano de Progressão, o Programa de Jovens assegura a cada beneficiário a possibilidade de travar contato com conteúdos que atendam, a cada momento, às suas reais necessidades e inquietações.

Visando estabelecer em termos definitivos a diferença entre o Escotismo e qualquer sistema de educação formal, Baden-Powell assim se pronunciou, no seu *GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO*:

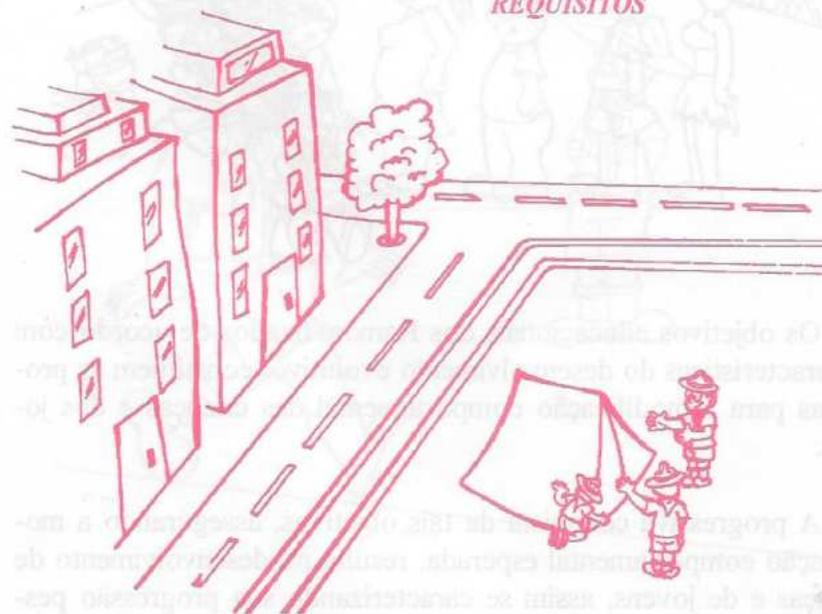
Se alguma vez transformarmos o Escotismo num plano formal e rígido de instrução séria, visando a eficiência completa, estaremos nos afastando do objetivo e valor do treinamento escoteiro e invadiremos a missão da escola.



A CONQUISTA DAS ETAPAS DE PROGRESSÃO

Embora as antigas “Provas de Classe” tenham sido abolidas, cedendo espaço às “Etapas de Classe”, numa tentativa anterior de modernizar o Programa Escoteiro, continuamos presos ao “velho” paradigma da avaliação tipo “escolar”, onde

CRIANÇAS E JOVENS AVANÇAM EM SUA PROGRESSÃO COM BASE NO CUMPRIMENTO DE PROVAS OU REQUISITOS



No amplo processo de reforma que nos levará do Programa Escoteiro ao Programa de Jovens, sem contar com um Plano de Progressão desenvolvido a partir de conteúdos fixos, não existe lugar para avaliações de desempenho efetuadas com base no “velho” paradigma. É imprescindível substituí-lo por um “novo” paradigma segundo o qual

**CRIANÇAS E JOVENS SE DESENVOLVEM COM BASE NA
CONQUISTA DE OBJETIVOS**



Os objetivos educacionais dos Ramos, fixados de acordo com as características do desenvolvimento evolutivo, constituem as propostas para a modificação comportamental das crianças e dos jovens.

A progressiva conquista de tais objetivos, assegurando a modificação comportamental esperada, resulta no desenvolvimento de crianças e de jovens, assim se caracterizando sua progressão pessoal.

Nas reflexões sobre o Escotismo, que reuniu no *GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO*, Baden-Powell assim se referiu ao propósito do seu projeto educativo:

A finalidade do programa escoteiro é aperfeiçoar o padrão de nossos futuros cidadãos, especialmente quanto a caráter e saúde, substituir o personalismo por serviço e tornar os jovens individualmente eficientes, tanto moral como fisicamente, a fim de utilizar esta eficiência em serviço ao próximo.



ARTICULAÇÃO, HARMONIA E INTEGRAÇÃO

Como o domínio das chamadas técnicas escoteiras nem sempre se faz de maneira articulada (acender uma fogueira não guarda qualquer relação com armar uma barraca), e como é comum a presença, numa mesma Seção, de jovens que se encontram em etapas diferentes de sua progressão ao longo do Programa Escoteiro, nós nos acostumamos ao “velho” paradigma que estabelece que

**PROVAS E REQUISITOS
NEM SEMPRE TÊM
RELAÇÃO ENTRE SI E
COM O RESTO DAS
ATIVIDADES**

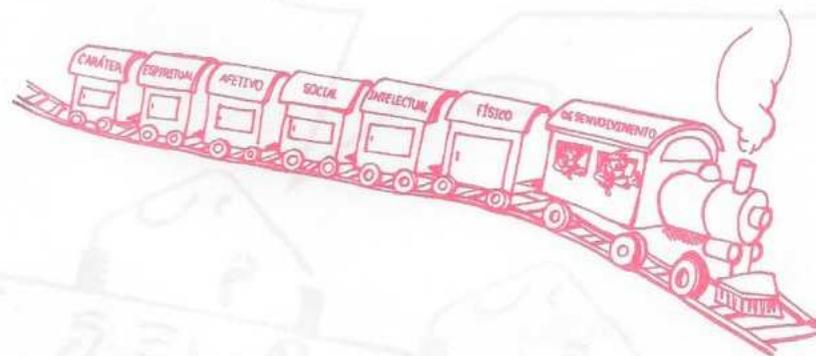


A inexistência de qualquer relação entre provas, requisitos e atividades garante uma enorme flexibilidade à programação. É assim, por exemplo, que uma Seção pode decidir realizar um acampa-

mento só porque um determinado feriado será comemorado numa segunda-feira; como não existe qualquer relação entre as atividades e as necessidades de progressão dos seus membros juvenis, a decisão pode ser tomada com base apenas na vontade de “aproveitar o feriado”.

Um “novo” paradigma deve ser considerado, entretanto, quando se trabalha tomando por base um Programa de Jovens, centrado em objetivos que garantam a progressão em todas as áreas de desenvolvimento:

**OS OBJETIVOS FORMAM
UM TODO E ESTÃO
ARTICULADOS ENTRE SI**



Os objetivos educativos se integram à “malha” de maneira harmoniosa, guardando entre si uma estreita articulação; jovens que se encontram em estágios mais avançados de seu desenvolvimento perseguem objetivos que têm origem em objetivos propostos para jovens que ainda se encontram no estágio anterior, ainda que em di-

ferentes áreas de desenvolvimento.

A articulação entre os objetivos permite e exige uma perfeita articulação entre estes e as atividades, demandando uma programação melhor elaborada, menos sujeita, portanto, ao sabor de circunstâncias que não sejam o interesse dos jovens.

No *GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO*, assim se referiu Baden-Powell à necessidade de integração entre as atividades e os objetivos da formação escoteira:

É, portanto, somente olhando para os mais elevados objetivos do Movimento que se pode ver os detalhes do trabalho de cada dia, em sua verdadeira proporção.



A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS (I)

Apesar de se apresentar como **um movimento de jovens e para jovens**, o Escotismo – tal como o praticamos – restringe a participação dos jovens a determinados aspectos, muito mais relacionados com a forma do que com o fundo. Respeita-se, assim, o “velho” paradigma que determina que

CRIANÇAS E JOVENS NÃO PARTICIPAM DA DETERMINAÇÃO DE PROVAS E REQUISITOS



Foi com base neste “velho” paradigma que adultos formularam, com inexpressiva participação dos jovens, o conteúdo do Plano de Progressão em que se apoia o Programa Escoteiro.

No Programa de Jovens, embora a “malha” de objetivos tenha sido inteiramente construída por adultos, tomando por base as características do desenvolvimento evolutivo da criança e do jovem, existe espaço para a aplicação de um “novo” paradigma, segundo o qual

**OS OBJETIVOS SÃO APRESENTADOS, DISCUTIDOS,
MODIFICADOS E ACORDADOS COM A
PARTICIPAÇÃO ATIVA DAS CRIANÇAS E DOS
JOVENS**



A adoção desse “novo” paradigma se faz absolutamente indispensável, quando se pretende levar o jovem a **assumir seu próprio desenvolvimento**. A perfeita compreensão dos objetivos e das condutas com que eles se relacionam, bem como sua efetiva participação na seleção e até na formulação dos seus objetivos, tornam a criança e o jovem agentes do seu próprio desenvolvimento.

E não era outra a intenção de Baden-Powell, quando lançou as bases sobre as quais construiu o edifício do Escotismo. No *GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO*, assim se referiu o Fundador à relação entre o jovem e o desenvolvimento proporcionado pela prática do Escotismo:

E note-se que elas [as quatro partes do adestramento escoteiro] não são por nós aplicadas ou “injetadas” sob a forma de conselhos, aulas ou lições. Muito ao contrário, tais idéias, sentimentos e qualidades devem desabrochar de dentro para fora e crescer como uma planta devidamente cultivada.



A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS (II)

Da mesma forma como não participa, ou participa muito pouco, da formulação dos conteúdos do Plano de Progressão, a criança e o jovem desempenham um papel secundário na avaliação de sua progressão ao longo do Programa Escoteiro. Cumpre-se, assim, o “velho” paradigma segundo o qual

**PARA DETERMINAR
SE AS PROVAS OU
REQUISITOS FORAM
CUMPRIDOS, A
OPINIÃO DO
ESCOTISTA É
FUNDAMENTAL**



Mesmo quando as “Etapas” ocuparam o lugar das antiquadas “Provas de Classe”, o modelo de avaliação da progressão pessoal seguiu sendo o mesmo: quando se considera “pronto”, o jovem se submete ao julgamento do adulto, que detém o poder de considerar cumprida uma determinada etapa, registrando esse cumprimento no Guia ou no Quadro de Etapas da Seção.

Como agentes do seu próprio desenvolvimento, crianças e jovens devem representar um papel mais ativo, no que concerne à avaliação da sua progressão. Afinal, julgar-se a si próprio é componente essencial do autodesenvolvimento, o que por si só justifica a adoção de um “novo” paradigma:

**PARA AVALIAR SE OS OBJETIVOS FORAM
CONQUISTADOS, A OPINIÃO DO JOVEM É
FUNDAMENTAL**



É claro que sempre existirá a criança e o jovem que, num determinado momento, superestime sua própria capacidade e decida considerar conquistado um objetivo do qual mal se aproximou.

Isso tem muito pouca importância. Como esse objetivo se projeta, mais adiante, em outros objetivos, situados na mesma ou em outra área de desenvolvimento, sempre será possível que se trabalhe sobre a capacidade de autocritica da criança ou do jovem, a ele proporcionando a oportunidade de uma reavaliação mais precisa.

Ainda sobre a participação do jovem em assuntos relacionados com seu autodesenvolvimento, tornamos a citar Baden-Powell, em orientação transmitida por meio do *GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO*:

As idéias do jovem são estudadas e ele é estimulado a educar-se a si próprio.



Tudo o que se avalia no progresso do jovem é seu desenvolvimento como escoteiro, guiando as atividades dentro de Classe e estimulando para cada etapa, até que conquiste o distintivo escoteiro final do progresso no Ramo considerado. Isso é

RUMO À CIDADANIA

Já nos referimos à principal característica do chamado Programa Escoteiro, que nos parece muito mais voltado à formação de escoteiros do que à preparação de jovens para a cidadania.

Segundo o “velho” paradigma,

**O CONTROLE DO
PROGRESSO DO JOVEM
TENDE A SE LIMITAR AO
CUMPRIMENTO DE SUA
PROGRESSÃO NO
MOVIMENTO
ESCOTEIRO**



Tudo o que se avalia no progresso do jovem é seu desenvolvimento como escoteiro, galgando as sucessivas Etapas de Classe estabelecidas para cada Ramo, até que conquiste o distintivo especial que assinala o final da progressão no Ramo considerado. Isso é muito pouco, quando se tem em mente a progressão do jovem no rumo da cidadania plena, até que se torne um adulto responsável, participante e útil em sua comunidade.

Para isso, o cumprimento de um Programa de Jovens impõe a adoção de um “novo” paradigma, segundo o qual

**INTERESSA O DESENVOLVIMENTO DO JOVEM EM TODAS AS
SUAS DIMENSÕES, DENTRO E FORA DO MOVIMENTO
ESCOTEIRO**



Não basta, portanto, que o escotista se assegure do progresso do jovem como escoteiro; é preciso ter a certeza de que a vida e a prática escoteira estão proporcionando ao jovem o pleno desenvolvimento de todas as suas potencialidades, o que deve ocorrer dentro e fora do Movimento Escoteiro.

Baden-Powell traduziu essa idéia de forma inequívoca, quando registrou, no **GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO**, o seguinte pensamento:

E, neste mundo, cidadania passiva não é suficiente para assegurar liberdade, justiça, honra e honestidade. Só nos servem, em verdade, cidadãos ativos e úteis!



AS INSÍGNIAS DE PROGRESSÃO

Atualmente, os distintivos de Classe – aos quais preferimos denominar “insígnias de progressão” – representam uma espécie de troféu outorgado à criança ou ao jovem no momento em que completa sua caminhada ao longo de uma série de Etapas de Classe.

Observa-se, assim, um “velho” paradigma onde

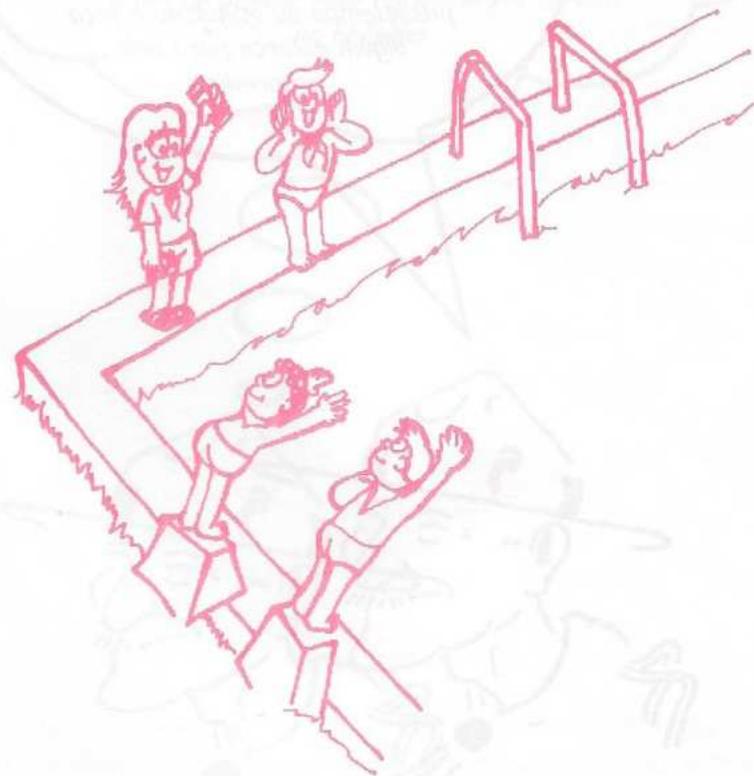
AS INSÍGNIAS DE PROGRESSÃO SÃO ENTREGUES COMO PRÊMIO, QUANDO SE COMPROVA A CONQUISTA



Se operamos por meio de um Programa de Jovens que ofereça oportunidades de crescimento orientadas por objetivos educativos, esta forma de agir é pouco satisfatória, posto que o desenvolvimento é natural e espontâneo, não se justificando convertê-lo em objeto de prêmios ou de castigos.

Por isso, é necessário estabelecer um “novo” paradigma onde

AS INSÍGNIAS DE PROGRESSÃO SÃO ENTREGUES NO INÍCIO DE CADA ETAPA, COMO MOTIVAÇÃO



Mesmo essa “inovação”, que a alguns parecerá verdadeiro sacrilégio, deve deixar de ser objeto de temor, se considerarmos que, em 1919, Baden-Powell já reconhecia nas insígnias de progressão um estímulo para que o jovem encarasse decididamente as tarefas de desenvolvimento, tal como afirmou no seu **GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO**:

Os certificados e distintivos foram organizados, simplesmente, com o objetivo de criar um estímulo para que o jovem se envolva num passatempo ou ocupação e faça algum esforço para nele progredir.



O INGRESSO NO MOVIMENTO E O INÍCIO DA PROGRESSÃO

Qualquer que seja a idade de uma criança ou de um jovem que decida ingressar no Movimento Escoteiro, o grau de desenvolvimento alcançado em sua vida progressa é ignorado, para que se cumpra o “velho” paradigma segundo o qual

CRIANÇAS E JOVENS SEMPRE INICIAM SUA PROGRESSÃO A PARTIR DO ZERO, QUALQUER QUE SEJA SEU GRAU DE DESENVOLVIMENTO NO MOMENTO DE SEU INGRESSO NO MOVIMENTO



Tal procedimento, bastante razoável quando oferecemos um programa voltado para o domínio de conhecimentos tipicamente escoteiros, até então indisponíveis para a criança ou para o jovem, perde sua razão de ser quando o programa está centrado em objetivos voltados para o seu desenvolvimento como pessoa, que já vem ocorrendo independentemente de sua adesão ao Movimento.

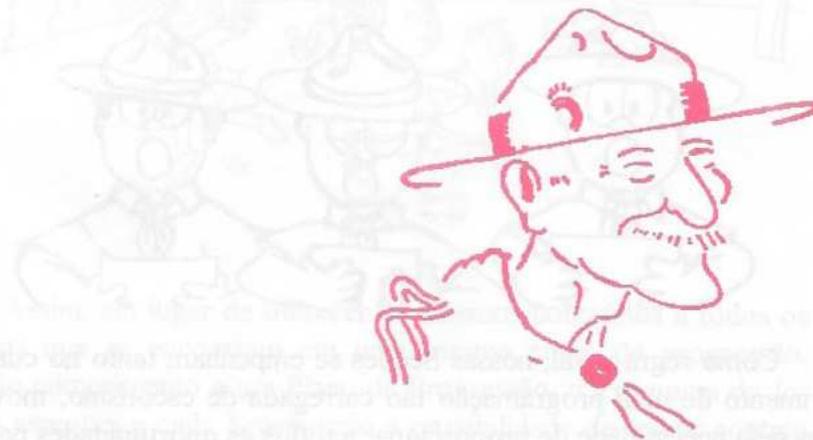
Vale, por tanto, o “novo” paradigma segundo o qual

**CRIANÇAS E JOVENS INICIAM SUA
PROGRESSÃO NO PONTO EM QUE SE
ENCONTRA SEU
DESENVOLVIMENTO NO MOMENTO
EM QUE SE DÁ SUA ADESÃO AO
MOVIMENTO**



Isso não chega a constituir novidade, quando consideramos que, no *GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO*, publicado em 1919, Baden-Powell abordou da seguinte maneira o tema do tratamento diferenciado a ser utilizado no atendimento às necessidades individuais da criança e do jovem:

Um jovem normalmente tem confiança em suas próprias forças e em sua capacidade. Ele não gosta, portanto, de ser mimado nem tratado como criança.



AS ATIVIDADES ESCOTEIRAS

A necessidade de oferecer ao jovem oportunidades para que se adestre nas técnicas mateiras e adquira proficiência em outros assuntos igualmente relacionados com o Escotismo, tem nos levado a observar um “velho” paradigma onde

A PROGRAMAÇÃO PRIVILEGIA AS ATIVIDADES PROPRIAMENTE ESCOTEIRAS



Como regra geral, nossas Seções se empenham tanto no cumprimento de uma programação tão carregada de escotismo, movidas pela necessidade de proporcionar a todos as oportunidades para que cumpram as Etapas de Classe, que não lhes sobra tempo para fazer ...Escotismo!

Mas fazer Escotismo significa **CRESCER** como pessoa, em **TODAS** as dimensões da personalidade, e isso não pode ser obtido por meio de uma programação que se apoie de forma integral nas atividades tipicamente escoteiras.

Há que se buscar um “novo” paradigma e, portanto:

TODA ATIVIDADE DESAFIANTE, ÚTIL, RECOMPENSANTE E ATRAENTE PODE E DEVE SER CONSIDERADA NA PROGRAMAÇÃO



Cabe ao escotista motivar sua Seção no rumo do cumprimento de uma programação variada, tanto quanto possível carregada de atividades desenvolvidas em uma atmosfera verdadeiramente escoteira, privilegiando a vida ao ar livre e as técnicas escoteiras, tão ao agrado de crianças e de jovens, mas utilizando esses instrumentos como um meio, sem permitir que se convertam no objetivo final da atividade.

Desobrigados do cumprimento de um Plano de Desenvolvimento cheio de conteúdos fixos essencialmente escoteiros, é certo que crianças e jovens apreciarão as ocasiões em que estiverem envolvidos em quaisquer outras atividades que sejam, a um só tempo, desafiantes, úteis, recompensantes e atraentes.

É assim que os escotistas poderão cumprir a orientação que lhes transmitiu Baden-Powell, por meio do **GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO**:

O Chefe Escoteiro apenas provoca no jovem a ambição e o desejo de aprender por si próprio, somente sugerindo-lhe atividades que o atraiam e que ele vai realizando, até que, com experiência, execute-as corretamente.



OS JOVENS E A PROGRAMAÇÃO DAS ATIVIDADES

Neste nosso curioso movimento de jovens e para jovens, nem sempre levamos na devida conta a opinião dos que queremos ajudar na tarefa de assumir seu próprio desenvolvimento!

No que se refere à programação das atividades, damos preferência ao “velho” paradigma segundo o qual:

AS ATIVIDADES, DE UM MODO GERAL, SÃO DECIDIDAS PELOS ESCOTISTAS, DE ACORDO COM UMA ESTIMATIVA DAS NECESSIDADES E DOS INTERESSES DOS JOVENS



Supostamente, essa forma de agir garante a qualidade das atividades oferecidas aos jovens, que não seriam capazes de programá-las de forma adequada...

E, apesar disso, lutamos contra elevadíssimas taxas de evasão! É por isso que recomendamos, com empenho, a adoção de um “novo” paradigma:

**AS ATIVIDADES VARIÁVEIS E GRANDE
PARTE DOS CONTEÚDOS DAS
ATIVIDADES FIXAS SÃO DECIDIDAS
PELAS CRIANÇAS E PELOS JOVENS**



Mesmo nos tempos iniciais da adoção desse “novo” paradigma, é quase certo que as atividades não experimentarão uma queda muito sensível em sua qualidade; e, ainda que experimentem, logo assumirão um crescendo, até como resultado do “aprender fazendo”.

Porque sempre confiou no jovem, e em sua capacidade de fazer bem feito, Baden-Powell nos deixou a todos, por meio do seu **GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO**, a seguinte orientação:

Quando faltarem idéias, não queira impor aquilo que você julgue que deva ser apreciado. Procure descobrir (ouvindo ou perguntando) quais as atividades que eles [os jovens] mais gostam.

Em 1939, certamente desencantado com o mundo mergulhado nos horrores da II Guerra Mundial, B-P voltou ao assunto, agora em sua obra **REMA TUA PRÓPRIA CANOA**:

Creio que seria bom se destronássemos todos os homens e deixássemos que os rapazes governassem o mundo. Teríamos um mundo alegre de boa vontade e amizade.



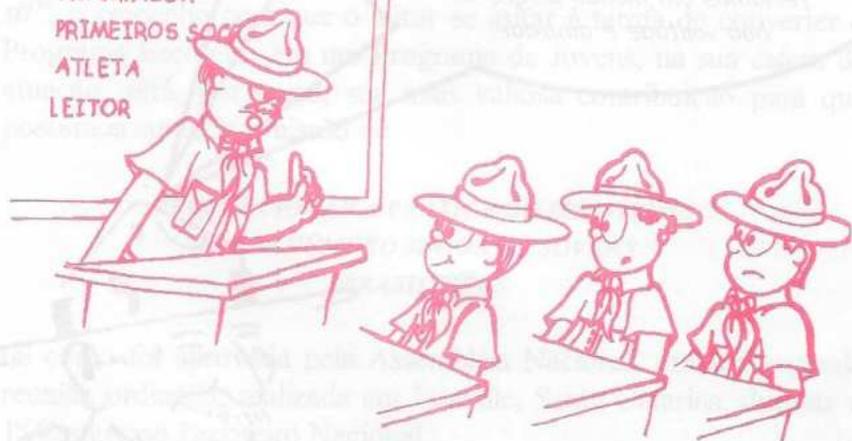
AS ESPECIALIDADES

Até muito recentemente, as Especialidades que colocávamos à disposição de crianças e de jovens atendiam a três limitações: existia uma época em que não lhes era permitida a conquista de Especialidades, fixávamos um número máximo de Especialidades que poderiam ser conquistadas durante determinados períodos de sua progressão e sujeitávamos a criação de novas Especialidades a um ritual altamente burocratizado.

Respeitávamos, assim, a um “velho” paradigma:

**AS ESPECIALIDADES SÃO
PREVIAMENTE
DETERMINADAS E LIMITADAS**

COZINHEIRO
ACAMPADOR
PRIMEIROS SOCORROS
ATELETA
LEITOR



Mesmo antes do advento do novo Programa de Jovens, desenvolvido a partir do MACPRO, e até como forma de dar início a um processo de ampla reformulação de modelos antiquados, a UEB fez publicar, em 1998, um *GUIA DE ESPECIALIDADES* compatível com um “novo” paradigma:

**AS
ESPECIALIDADES
VARIAM SEM
QUAISQUER
LIMITES,
SEGUNDO AS
OPÇÕES DAS
CRIANÇAS E DOS
JOVENS**



Para que você se informe sobre o tema, recomendamos uma atenta leitura do *GUIA DE ESPECIALIDADES*, disponível na Rede Nacional de Lojas Escoteiras; é importante que, ao tomar contato com a obra, você o faça com os olhos voltados para esse “novo” paradigma, de forma a perceber com clareza que o *GUIA* representa uma “trilha”, e não um “trilho”.

Também na adoção deste “novo” paradigma, fomos buscar inspiração no pensamento do Fundador, que abordou a matéria da seguinte maneira, no *GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO*:

O objetivo de oferecer tantas especialidades, em um padrão elementar, como nós o fazemos, é interessar cada um a experimentar as diversas naturezas de trabalho que existem, para encontrar, assim, a que mais lhe atraia.



A PROMESSA (I)

Que relação pode existir entre saber fazer o nó direito (ou o domínio de qualquer outra técnica escoteira) e o compromisso representado pela Promessa que todos prestamos quando aderimos ao Movimento Escoteiro?

É claro que nenhuma.

Mesmo assim respeitamos o “velho” paradigma que considera a Promessa uma parcela do Plano de Desenvolvimento que orienta o Programa Escoteiro:

A PROMESSA DEPENDE DO AVANÇO NA PROGRESSÃO

Posso fazer a promessa no próximo Sábado?

Ainda não!
Você não sabe fazer o nó de escota alceado!



No momento em que o Programa Escoteiro se converte em um Programa de Jovens, onde se enfatiza a formação para a cidadania traduzida pela conquista de objetivos educativos, é preciso romper também com esse “velho” paradigma, substituindo-o por um “novo” paradigma onde

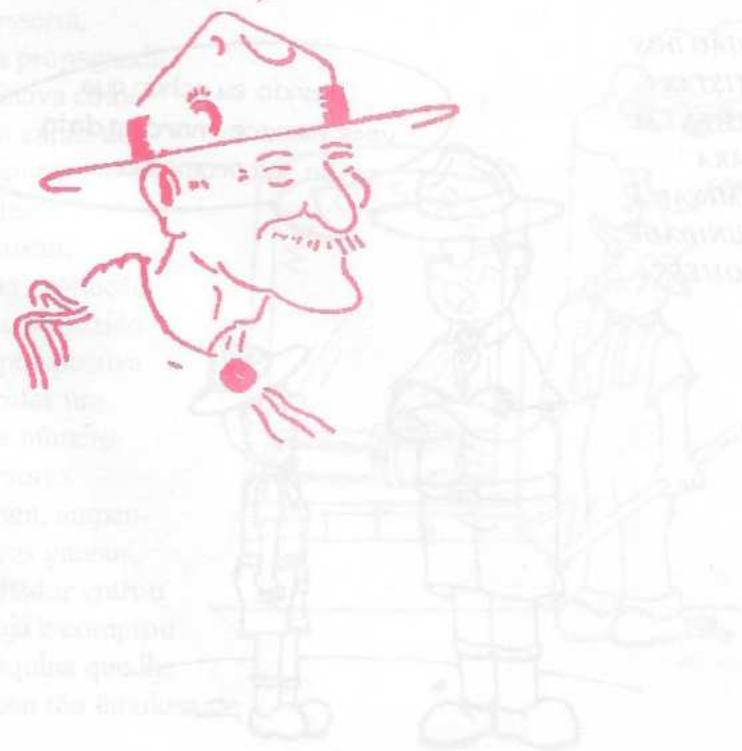
**A PROMESSA SÓ DEPENDE
DO COMPROMISSO COM A
LEI**



Assim, e independentemente da aquisição de qualquer outro conhecimento ou do domínio de qualquer tipo de técnica escoteira, a criança ou o jovem poderá prestar sua Promessa Escoteira a partir do momento em que, tendo tomado conhecimento da Lei Escoteira (ou da Lei do Lobinho), se mostrar disposto a empreender esforços para pautar sua conduta segundo esse código de valores.

Quando publicou o *GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO*, Baden-Powell assim se manifestou sobre a relação existente entre “responsabilidade” e “desenvolvimento”:

*Atribuindo-se
responsabilidade a um
indivíduo, obtém-se um
inavaliável desenvolvimento
do seu caráter.*



A PROMESSA (II)

Um procedimento normalmente aceito é permitir que os escotistas, principalmente o Chefe da Seção, decidam se uma criança ou um jovem está pronto para fazer sua Promessa. Uma vez que os adultos o considerem em condições, é marcada a data e têm início os preparativos para o grande dia.

Respeita-se, assim, mais um “velho” paradigma:

**A OPINIÃO DOS
ESCOTISTAS É
FUNDAMENTAL
PARA
DETERMINAR A
OPORTUNIDADE
DA PROMESSA**



E, nesse Movimento que pretende colaborar para que o jovem assuma seu próprio desenvolvimento, a decisão de aderir ao compromisso representado pela Promessa não é simplesmente tomada pela criança ou pelo jovem, mas consentida por um adulto que se sente capaz de medir o grau de preparação daquele que deseja se comprometer.

O fato se torna ainda mais curioso quando o comparamos com o procedimento usualmente adotado no caso dos que já aderem ao Movimento como adultos. A esses – cuja Promessa inclui a disposição para **SERVIÀ UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL** – basta que se manifestem dispostos a assumir o compromisso e, como regra geral, nem se chega a questioná-los quanto ao seu entendimento dos deveres que passam ter diante da entidade.

Tudo isso recomenda a adoção de um “novo” paradigma:

**CRIANÇAS E JOVENS
DETERMINAM O MOMENTO
DE SUA PROMESSA**



Aos escotistas da Seção, que já lhe proporcionaram a oportunidade para que conhecesse a Lei, resta apenas esperar que a criança ou o jovem manifeste sua disposição para assumir o compromisso e, diante de tal manifestação, marcar a data da Promessa.

É importante lembrar a posição de Baden-Powell diante do assunto recorrendo, mais uma vez, ao **GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO**:

Uma vez que o escoteiro compreenda o que é a honra e a tenha hipotecado em sua Promessa, o chefe deve confiar completamente nele... mostrar-lhe que o considera um ser responsável. Confiança e crédito são a base de todo nosso desenvolvimento moral.

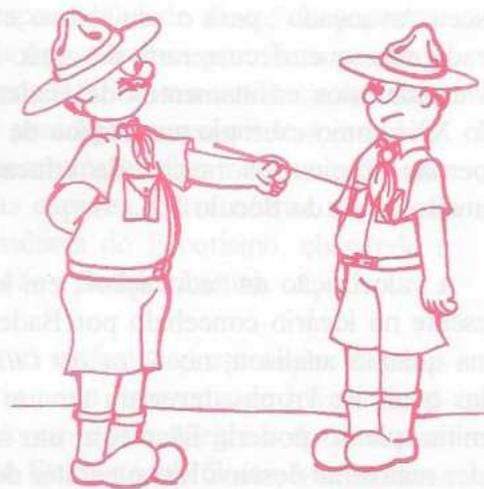


O USO DO CACHIMBO É QUE FAZ A BOCA TORTA...

Ao longo de quase toda essa publicação, insistimos no confronto entre “velhos” e “novos” paradigmas. Para acentuar nossa insistência, e mesmo correndo o risco de tornar a leitura menos agradável, colocamos os adjetivos “velho” e “novo” sempre entre aspas.

A adoção das aspas também significa que os “velhos” paradigmas não são tão velhos assim, posto que podemos encontrá-los na prática diária da maioria – senão da totalidade – dos nossos Grupos Escoteiros. Por outro lado, os “novos” paradigmas também não são exatamente novos, pois se respaldam, todos eles, nos ensinamentos de Baden-Powell.

Os “velhos” paradigmas são, quase todos, decorrentes de um outro “velho” paradigma que, intencionalmente, deixamos para destacar na parte final dessa publicação: a posição de autoridade com que se colocam diante das suas Seções aqueles que deveriam agir apenas como irmãos mais velhos.



Talvez excessivamente imbuídos da conotação de “autoridade” que reveste o título de “Chefe” com que temos sido distinguidos no desempenho da função de escotistas, muitos entre nós assumimos uma posição que oscila entre o paternalismo e o autoritarismo e, como consequência, nem sempre deixamos à criança ou ao jovem o espaço necessário para a prática desse grande jogo denominado Escotismo.

Anos e anos de vivência ao embalo deste “velho” paradigma dificultam, agora, a adoção de um “novo” Escotismo, marcado pela valorização da “educação”, ocupando o lugar da “instrução”, e pelo elevado apreço conferido à opinião da criança e do jovem.

É difícil – nós todos o sabemos – romper com velhos hábitos, principalmente depois que o uso continuado do cachimbo nos deixou com a boca torta...

Mas é absolutamente necessário abandonar os “velhos” paradigmas e abrir espaço para que se instalem os “novos” paradigmas.

Se não nos mostrarmos dispostos a fazê-lo, o Escotismo – que nasceu “avançado” para o seu tempo e ao qual nós incorporamos paradigmas que decorreram de uma interpretação nem sempre “avançada” dos ensinamentos de Baden-Powell – chegará ao Século XXI como exemplo anacrônico de um modelo de educação já superado, cheio dos ranços da educação que se praticava nos primeiros anos do Século XX.

A valorização da “educação”, em lugar da “instrução”, estava presente no ideário concebido por Baden-Powell, e ele explorou o tema quando analisou, no *GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO*, as razões pelas quais as Tropas deveriam ter um efetivo limitado (aliás, ele admitiu que só poderia lidar com um máximo de 16 jovens, para poder realmente desenvolver o caráter de cada um...).

Da mesma forma, o elevado apreço pela opinião dos mais novos é uma herança, quem sabe a mais rica, que recebemos do Fundador. Afinal de contas, é da sua autoria a frase

ASK THE BOYS!*

*** Pergunte aos meninos!**



CONCLUSÃO

O apego aos “velhos” paradigmas não chega a ser um mal, em si mesmo.

Ao contrário, as instituições que não prestigiam seus “velhos” paradigmas, que não se preocupam em preservar seus usos e costumes, são absolutamente permeáveis a qualquer espécie de novidade, mesmo àquelas que não passam de simples modismos.

Entretanto, a distinção que fizemos entre o Programa Escoteiro, sob cuja égide temos vivido até agora, e o Programa de Jovens, que em boa hora decidimos adotar, não constitui um modismo nem é uma novidade danosa aos mais altos interesses do Escotismo ou da União dos Escoteiros do Brasil.

Essa distinção resulta de estudos sérios, conduzidos nos mais altos organismos escoteiros internacionais e aprovados em Conferências Escoteiras Regionais e Mundiais, que reúnem lideranças responsáveis de todas as associações escoteira nacionais reconhecidas pela Organização Mundial do Movimento Escoteiro.

Além do mais, os “novos” paradigmas propostos encontram respaldo, todos eles de uma forma inequívoca, nos ensinamentos do Fundador do Movimento Escoteiro.

Assim, resistir à mudança de paradigmas que ora está sendo adotada pela União dos Escoteiros do Brasil é resistir a uma proposta de transformação que pode, efetivamente, devolver ao Es-

cotismo a posição de vanguarda que ocupou, desde o seu surgimento, na educação da infância e da juventude.

Longe de inspirar temores, a adoção do MACPRO e a implantação do Programa de Jovens devem ser vistas como um renascimento, como o despontar de um novo horizonte além do qual se vislumbram Grupos Escoteiros mais fortes e em maior quantidade, freqüentados por um grande número de crianças e de jovens que permanecerão ligados ao Movimento Escoteiro por um tempo suficiente para que possamos contribuir, de maneira efetiva, para sua transformação em cidadãos e cidadãs responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades.

Só assim será possível alcançar o “perfil de saída” que está descrito em nosso Projeto Educativo.

E, por último, se você não conseguiu encontrar uma resposta para o problema dos nove pontos, experimente incluir na programação da sua Seção alguns dos jogos da série *EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO*, disponível na Rede Nacional de Lojas Escoteiras. Além de oferecer uma solução para o intrigante problema, a série representa um convite bastante interessante para que você inicie o esforço para romper com os “velhos” paradigmas...

Superar as barreiras dos velhos paradigmas e implantar com êxito as transformações que se fazem necessárias para manter as organizações à altura das necessidades do seu tempo; este é o grande desafio com que se defrontam todas as entidades que perseguem a atualização.

É esta a intenção da Comissão Nacional de Programa de Jovens ao lançar a presente publicação: ajudar o público adulto do Movimento Escoteiro no Brasil a “superar as barreiras dos velhos paradigmas” e a melhor compreender o processo de transição que estamos atravessando.

Compreender o processo é passo indispensável no engajamento de todos – Dirigentes e Escotistas – na transição que está em curso e que há de nos conduzir a um Programa de Jovens ajustado às necessidades e aspirações da criança e do jovem dos dias de hoje, a quem pretendemos SERVIR.

